

# MEMÓRIA SOCIAL, POLÍTICAS PÚBLICAS E ESTRATÉGIAS LOCAIS DE ENFRENTAMENTO DA SECA NO RIO GRANDE DO NORTE

PAIVA, Anna Lidiane (1); OLIVEIRA, Herbert Emmanuel Lima de (2); FERREIRA, José  
Gomes (3)

*1 Universidade Federal do Rio Grande do Norte, annadepaiva@gmail.com*  
*2 Universidade Federal do Rio Grande do Norte, herberteloliveira@gmail.com*  
*3 Universidade Federal do Rio Grande do Norte, jose.ferreira@oulook.com*

## RESUMO

O Brasil mantém uma tradição de gestão dos recursos hídricos essencialmente repartida entre as competências da União e dos Estados. Essa razão, justifica que, apesar das competências atribuídas aos Comitês de Bacias Hidrográfica e aos municípios a resposta à seca e a gestão e planejamento dos mananciais seja, sobretudo, exercida pelos órgãos da administração pública federal e estadual. Na mesma ordem, as medidas de resposta à seca são ainda de base emergencial e a decisão em avançar depende de um grupo restrito de gestores. A seca que se iniciou em 2012 requer a articulação das políticas públicas nas suas diversas escalas. A escala local é a que garante conhecimento aproximado dos problemas, mas é a administração pública estadual, regional e nacional que detém os meios financeiros e recurso humanos. O nosso artigo integra uma pesquisa mais ampla na qual temos oportunidade para escutar prefeitos e seus representantes e alguns líderes locais sobre esta matéria. E na qual é igualmente nosso objetivo resgatar a memória das secas e o caráter social do fenômeno a partir do aprofundamento da pesquisa da questão da memória individual e coletiva da seca no Alto Oeste e no Seridó Potiguar. O que até aqui sabemos é que a seca é o elemento central da identidade nordestina, por sua vez vinculada ao poder dos coronéis, ao cangaço, à religiosidade e literatura. O artigo apresenta-se como proposta de recuperação da memória da seca de 1958 a partir dos registros do Diário de Natal.

### **Palavras-chave:**

Convivência com o semiárido, políticas públicas, municípios, memória social, memória da seca.

## 1. Introdução

Diversas pesquisas mostram a dificuldade na descentralização da gestão e governança da água no Brasil. Apesar da definição legislativa, na verdade pouco se sabe sobre a forma como se articulam as políticas públicas de convivência com o semiárido nas diferentes escalas de planejamento e atuação. São reconhecidas em diversas áreas as dificuldades de atuação dos municípios, tanto por dificuldades financeiras, agravadas no atual contexto de crise

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

[www.conadis.com.br](http://www.conadis.com.br)

econômica, como por dificuldades de recursos humanos e incapacidade em fazer face a um problema tão complexo.

Partimos de um contexto marcado pela seca atual, a qual tem características distintas das grandes secas anteriores, o que pode antecipar o possível efeito da mudança climática no agravamento do problema. Vários cenários para o Nordeste indicam que a mudança climática agravará a seca e diversificará os impactos – socioeconômicos, biodiversidade, degradação dos solos (Marengo et al., 2016). Esses cenários indicam o aumento de temperatura no mínimo de 2 graus e uma redução até 15% no volume da chuva, ficando o clima 15% a 20% mais seco e o agravamento da seca e do risco de desertificação terá impactos na perda da biodiversidade da caatinga, na agricultura e na saúde. Em consequência, a seca provocará êxodo das populações e a consequente migração, agravando os problemas das localidades de acolhimento (Marengo (2010 e 2016). As populações tradicionalmente mais vulneráveis e menos capacitadas para enfrentar este e outros problemas vão ser as mais afetadas.

De outro lado, sabemos que historicamente vários municípios têm sido afetados pela seca característica do semiárido nordestino. Pelo que nos propomos resgatar a memória aproximando os cidadãos e as instituições do problema e de possíveis respostas, tendo presente que ao serem reavivadas contribuem para o aumento do conhecimento sobre as secas e ao empoderamento das comunidades e gestores públicos, contribuindo para o aumento da resiliência e da melhoria do próprio modelo de governança das águas, que na escala local garante maior eficácia e envolvimento. Sendo estes temas especialmente importante quando se espera da chegada das águas da transposição e com maior diversificação na resposta à seca.

Nessa intenção, levamos em conta o caráter social da dinâmica entre a lembrança e (do) esquecimento em cada indivíduo sobre a seca, mas também o fato de ser uma sociedade sucessivamente estigmatizada pelas desigualdades sociais e por sua aparente incapacidade de se desenvolver. Para o efeito, aceitamos a tese de Halbwachs segundo a qual a memória se tornaria importante veículo de construção das identidades na sociedade moderna pós-industrial. Assim como, a afirmação de Alencar (2007), segundo o qual, o fato do vínculo com as gerações passadas e com determinado lugar ser reforçado com as narrativas daqueles que são os guardiões da memória, que ao narrar a história do grupo dão continuidade ao lugar na memória das gerações presentes. Ou seja, é através da memória coletiva que as pessoas dão significado à identidade do presente e se reconhecem numa geografia, num grupo social e contexto cultural, desempenhando o grupo social um importante papel no processo de lembrar e conservar a memória (HALBWACHS, 1990).

Em suma, o projeto a partir do qual desenvolvemos nosso artigo parte da região do Alto Oeste e Seridó Potiguar, analisando as ações das prefeituras para conhecer como se articulam com os organismos estaduais no enfrentamento da seca e planejamento a médio e longo prazo. Por outro lado, estimular a constituição de uma memória da seca para deixar esse registro e para se conhecerem opções ao atual modelo hídrico. No recorte que propomos deixamos uma análise geral da temática da seca como problema social da região Nordeste, dando relevo ao fenômeno dos retirantes da seca. Através do registro de notícias da mídia do Rio Grande do Norte, destacamos algumas dimensões da seca de 1958, que em poucos meses gerou violência, fuga dos retirantes, programas de auxílio e envolvimento direto das instituições estaduais, nacionais e federais, incluindo o próprio Presidente da República, à data Juscelino Kubitschek, que visitou o estado.

## 2. Objetivos

Como objetivo geral analisamos como se articulam as políticas públicas de base nacional e estadual de convivência com o semiárido com as políticas municipais no sentido de resolver o mesmo problema, sabendo ser uma intervenção com dificuldades na atribuição de recursos financeiros e humanos, mas que é primordial dada a proximidade com as populações. Objetivamos igualmente estimular através de histórias de vida a memória dos habitantes mais velhos de modo a narrarem suas experiências com o fenômeno da seca, designadamente como possíveis retirantes e na possibilidade de relatarem experiências da comunidade na resposta à seca.

## 3. Metodologia

Para se alcançarem nossos objetivos, de um lado, damos atenção ao contributo do poder local na gestão da seca no semiárido nordestino através da coleta e análise de estudos, da coleta e análise de registros da mídia sobre a temática da convivência do semiárido no Rio Grande do Norte. Assim como, da realização de algumas entrevistas semiestruturadas a prefeitos/secretários do meio ambiente, representantes de comitês de bacia e especialistas locais sobre a temática da seca e gestão da água. De outro lado, nos interessa realizar entrevistas sobre histórias de vida atravessadas pela questão da seca a membros da comunidade e organizar grupos focais de discussão sobre a memória da seca e possíveis propostas à política de convivência com o semiárido. Em nosso recorte para o presente artigo, apresentamos registros da mídia da seca que, sensivelmente de março a maio de 1958 afetou o Nordeste, no que analisamos a cobertura midiática desta seca a partir de notícias publicadas sobre o Rio Grande do Norte no Diário de Natal, com base no acervo online da Hemeroteca Digital Brasileira.

## 4. Seca como problema social

Praticamente desde a chegada dos portugueses ao Nordeste que é conhecido o problema das secas, provocando a morte de pessoas e gado, desordem pública, roubos e o drama dos refugiados ambientais, conhecidos como os retirantes. Aquela que é geralmente referida como a seca com efeito mais devastador, a Grande Seca de 1877 a 1879, provocou mais de 500 mil mortos no Ceará, correspondentes a mais de 50% da população do estado naquele período e deu origem à fuga em larga escala dos nordestinos das áreas afetadas para as principais cidades, exigindo uma resposta imediata e duradoura das políticas públicas. A enfrentamento da seca entrou nesse momento na agenda do imperador, que em reação afirmou: "Venda-se o último brilhante da coroa, contanto que nenhum brasileiro morra de fome!" (KHAN, 2005; Campos, 2014). Em resposta, durante a referida seca, em 1878, no Ceará, foi aprovada no Ceará a proposta Pompeu-Sinimbú que consistia em criar comissões de socorro com o objetivo de dar trabalho aos flagelados (Campos, 2014). Nas secas seguintes muitos seguiram para a Amazônia para trabalharem na borracha, outros foram integrados na construção de obras de açudagem e de estradas de ferro. outros emigram para o Sul. O drama haveria de se

repetir de forma rápida e ampla, o que esteve na origem da criação de campos de concentração/refugiados no Ceará nas secas de 1915 e 1932. É a partir da experiência vivida durante a seca de 1915 que Rachel Queiroz escreveu o meu mais destacado romance - O quinze -, na qual conta o drama das famílias confrontadas com a necessidade de deixar o gado e a terra para conseguirem sobreviver, rompendo laços e relações tradicionais. Não é apenas Queiroz que destaca o drama dos retirantes na sua obra, vários escritores dão conta do tema, fortalecendo o que chamam de literatura regionalista. Por outro lado, na pintura é incontornável a referência a Candido Portinari, colocando em tela a fuga dos primeiros refugiados ambientais do Brasil (Coelho, 2014).

O que trazemos em nossa proposta faz parte de um projeto de maior dimensão que, por um lado, analisa a temática da convivência com o semiárido a partir da possível resposta local e da articulação estadual, regional e nacional; por outro lado, busca a inscrição da seca na memória das pessoas e no registro da mídia, em imagens, na literatura e outros documentos. Assumimos a seca como problema social e não pelo lado climático. Trazemos Djacir de Menezes, quando este sem qualquer dúvida afirmava que "a seca é fenômeno sociológico mais que meteorológico", repercutindo-se "no meio humano com tanto mais força quanto mais densas as relações humanas" (Menezes, 1970: 185). Em O Outro Nordeste, obra pioneira de Menezes, o sociólogo criticava esse sórdido jogo de interesses, manipulado pelos políticos mais vinculados ao meio rural, que açambarcavam as terras beneficiadas pelas açudagens após terem sido informados previamente dos projetos das bacias de irrigação. Duas décadas antes, Josué de Castro e Celso Furtado mostravam igualmente que o problema do Nordeste não é apenas climático. Para Josué de Castro os problemas do Nordeste não se resumem à seca em si, mas a incapacidade perante a seca leva ao conformismo e inércia das populações. Em "A Geografia da Fome", publicada em 1952, o autor analisa o impacto direto nas populações das formas dominantes da exploração fundiária e da exploração da mão de obra sertaneja, criando e reproduzindo a manutenção da miséria na região semiárida (Silva, 2003). De modo semelhante, também para Celso Furtado o problema do Nordeste não é apenas climático, o problema central era a pobreza e as desigualdades sociais resultantes da divisão da propriedade, da organização econômica regional e da formação histórico-política.

Neste recorte damos particular relevância à memória dos retirantes da seca de décadas anteriores, pelo que primeiro, queremos identificar as principais características das principais secas das últimas décadas. Trazemos igualmente as representações da seca na mídia a partir da seca que afetou o Nordeste na primeira metade do ano de 1958, apresentando algumas dimensões com maior visibilidade.

## 5. Resultados

O ano de 1958 registrou na sua primeira metade uma seca que surgiu de efeito rápido e intenso no Nordeste. O Diário de Natal deu sobretudo atenção ao problema no Rio Grande do Norte, mas em alguns momentos fez referência ao Ceará e Paraíba, por exemplo, na notícia do dia 8 de março com o título Seca no Ceará, dando conta da seca que afetava as populações ribeirinhas do vale dos rios Jaguaribe e Banabuiú. E a notícia de 18 de março tem um título que indica que a "Seca no Ceará provoca o aumento dos crimes".

A referência aos retirantes era constante, ou pelo drama da seca ou pelo relato de escritores e poetas. Assim acontece neste mesmo ano, quando em meados de janeiro o Diário de Natal publicou várias notícias sobre a publicação do livro Memórias de um retirante. Minhas memórias do oeste potiguar, de Raimundo Nonato, obtendo cobertura constante por este periódico, com que adivinhando os meses difíceis que se aproximavam.



Fonte: Diário de Natal, 13/3/1958

A partir de 13 de março de 1958 a seca no estado ganha repercussão a partir da notícia de primeira página "Flagelados da seca chegam a Natal". Segundo a notícia, a estiagem continuava ameaçadora no sertão, pelo que a capital do estado estava recebendo os primeiros retirantes desta seca, descrevendo que no dia anterior se poderia ver vários grupos de flagelados na praça Sete de Setembro. Nos dias seguintes as notícias espelham o drama dos acontecimentos e a rapidez dos desenvolvimentos. No dia 14 O DN publicava a notícia "Fugitivos da seca continuam a chegar do sertão potiguar". Dia 15 tem na primeira página "Estiagem: agrava-se a situação neste Estado", para nas páginas interiores publicar "Sertanejos fogem da inclemência da seca". A 19 de março o DN publicava várias notícias sobre o tema, destacando-se "Fugitivos da seca estendem a mão à caridade pública", a qual mencionava que não vindo chuva no Dia de São José, que era a última esperança de Inverno, que significava que a seca era uma realidade indiscutível, agravando a condição dos retirantes. Na mesma edição o Diretor geral do DNICS garantia "toda a assistência aos flagelados", ambas as notícias fazendo manchete no jornal.



Diário de Natal, 19/03/1958

A 25 de março as notícias dão conta do aumento acentuado de retirantes em natal. Em primeira página o Diário de Natal reporta que "Primeiras concentrações de flagelados da seca na rua desta capital" e no dia seguinte "Novos caminhões de flagelados estão chegando a Natal", indicando nas páginas interiores que as cidades interiores se encontravam ameaçadas de saque e sem socorro federal, tem tentativas de assalto dos flagelados em cidades como Caraúbas.



Diário de Natal, 27/03/1958

Se por um lado as notícias dão conta da chegada dos retirantes a Natal, por outro, percorrem o drama de várias cidades do interior. A 27 de Março o DN publicava a notícia de primeira página "Dramática situação em Pau dos Ferros!". No início de abril, no dia 4, "Patu também ocupada pelos flagelados!" e "Invadida Santa Cruz por 4 mil flagelados", com ameaça ao comércio local, que cerrou as portas. Também em Serra Negra, de tal modo que a 11 de abril a manchete da primeira página dizia "Cresce dia a dia o número de flagelados sedentos e famintos no interior potiguar. A situação de Pau dos Ferros agravou-se de tal forma que a 5 de maio a primeira página era "Pau dos Ferros ocupada pelas vítimas da seca", apelando-se diretamente ao Presidente da República. A grave seca parecia afetar toda a região, de tal modo que a 8 de maio surgia o título "17 milhões de nordestinos estão sofrendo as consequências da seca".

A única solução que restava era o abandono de propriedades e gado. Pelo que os "Nordestinos em desespero abandonam terras e tudo" (29 de março). Nessa fuga voltava à estrada a imagem de viaturas carregadas de retirantes. Voltam às estradas os "paus de arara" que davam conta da fuga de nordestinos para São Paulo, cerca de 400 mil nordestinos por dia, enquanto outros emigravam para Minas e Paraná.

Em Natal o drama não era menor, poucos dias antes de 2 de maio surgia a notícia "Flagelados caindo de fome nas ruas da nossa capital" que surgiu como notícia de primeira página. No dia seguinte surge novamente na primeira página a notícia "Mãos esqueléticas imploravam a esmola: um pedaço de pão e água". Essa notícia faz referência a uma caravana de socorro pelo interior do estado. Em Natal outro fenômeno ocorria, "Seca tudo justifica: alta vertiginosa nos preços de mercadorias" (DN, 07/04/1958). A especulação com o preço das mercadorias, em particular dos gêneros alimentícios resultava tanto da ganância do lucro como da escassez efetiva dos produtos dada a dificuldade em chegarem a Natal, até chegarem vários carregamentos a partir de Recife e a partir do porto de Cabeledo, na Paraíba. E chegando a ser feito o abastecimento através de avião, segundo a notícia "Gêneros alimentícios chegam por via aérea" (25/04/1958). Isso não significa que não tenha existido problemas de transparência na gestão dos recursos da seca. Aliás, a seca de 1958 motivou um inquérito aos funcionários do DNOCS, após denúncia, que levaram à nomeação de uma comissão de inquérito em maio, apresentando vários títulos, dos quais apresentamos apenas dois: "O Inquérito no Departamento de secas: sensacional depoimento de funcionário" (12/05/1958) e "Funcionários implicados no DNOCS, intimados, apresentarão as defesas" (23/05/1958).

A resposta demorou a se organizar, mas foi surgindo. A 18 de março as notícias dão conta noticiam "Governadores e bispos em ação contra a seca", designadamente o executivo do Rio Grande do Norte e Paraíba, e os bispos de Natal. A cidade continuava a ser "invadida por levas de retirantes, vindos de Pedro Avelino, Taipu, Nova Cruz e outros municípios", enquanto "no interior bandos de famintos já começaram a atacar caminhões de gêneros (como na estrada Açú a Mossoró), a invadir feiras e a praticar outros gestos de desespero". Segundo o DN, os sertanejos que rumavam a sul seguiam o caminho do El dourado dirigindo-se à procura de trabalho.

O Governo Federal deu resposta posterior: "Garantia do Governo Federal: auxílio às vítimas da seca" (20/03/1958), levando o presidente Juscelino Kubitschek a afirmar ser uma "Verdadeira operação de guerra no combate à seca".



Fonte: Diário de Natal, 18 de abril de 1958

Em 17 de abril o Presidente da República visitou algumas localidades afetadas pela seca no Rio Grande do Norte, surgindo os títulos "Amanhã, em Acari e Caicó o Presidente da República" (16/04/1958), "Juscelino esteve no Estado (Caicó)" (18/04/1958) e "Entusiasmo e otimismo na recepção ao Presidente Juscelino em Caicó!" (19/04/1958). A presença do Presidente da República foi um momento importante na resposta à seca e na procura de soluções, sendo a primeira vez que tomou tal iniciativa, revelando a importância do problema em sua agenda. Vale lembrar que em 1958 Kubitschek convida Celso Furtado para coordenar o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), levando no ano seguinte à criação da SUDENE Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

Finalmente, a 10 de abril as primeiras notícias sobre a resposta à situação dramática dos retirantes. Além da assistência inicial, segundo o DN tinham sido "Já admitidos 150.000 flagelados em obras de emergência: Nordeste". Entre os flagelados segundo a notícia Reunião de Diretores Regionais do DNOCS em Natal: combate à seca" de 20 de março, 1.980 flagelados já estavam trabalhando em Santa Cruz no açude de Trairi.

Na resposta à situação de vulnerabilidade dos flagelados coube ainda fazer referência às notícias sobre a sua condição de saúde. Destacamos as notícias publicadas a 30 de abril e em 14 de maio de 1958. A primeira com o título "10 mil vacinas antivariolíticas já utilizadas entre as vítimas da seca no Rio Grande do Norte" e a segunda "Não há ameaça de tuberculose entre os flagelados nordestinos", indicando ser muito abaixo do que se esperava o número de casos da doença identificados, acentuando que as unidades das áreas sanitárias bateram novo recorde ao atenderem 2.005 pessoas por dia em Gonçalves, na Paraíba no dia 28 de abril.

## 6. Discussão

Mídia como repositório histórico de questões ambientais e em particular dos dramáticos acontecimentos das recorrentes secas que afetam o semiárido nordestino. As imagens dramáticas dos fustigados pela seca são, em geral, motivo para primeira página, revelando a importância social e política do problema e a presença de diversos atores sociais, designadamente os representantes institucionais em suas diversas escalas. É nesse enquadramento que o Diário de Natal atribui destaque à chegada em massa dos retirantes a várias cidades, principalmente à capital do estado do Rio Grande do Norte, destacando

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

[www.conadis.com.br](http://www.conadis.com.br)

problemas como a fome, o abandono das cidades de origem, o rastreamento de doenças, o apoio de diversas instituições públicas, a especulação com os preços de produtos alimentícios, possíveis situações de corrupção no processo de ajuda aos flagelados. Assim como à viagem às áreas mais afetadas pelo Presidente da República, Juscelino Kubitschek, numa demonstração da ajuda do país aos retirantes.

Do mesmo modo, não deveremos esquecer a presença dos retirantes, provavelmente os primeiros refugiados ambientais da América do Sul, em traços simbólicos e distintivos. A literatura, as artes de uma forma geral, mas também as imagens da vida cotidiana, por exemplo, expressas na fuga através do chamado Pau de Arara, consagram esses símbolos como elementos transversais da cultura nordestina, na qual estão igualmente presentes o cangaço e a religiosidade. Nesse quadro, o retirante é o rosto da seca e do desespero, o motivo da solidariedade e das políticas públicas de assistência, mas é também o rosto do estereótipo e do atraso. A gente anônima que chega às cidades, traz insegurança, peste e aumento de custo de vida.

## 7. Considerações finais

A pesquisa de maior dimensão na qual se enquadra nosso artigo mantém foco na resposta das políticas locais à seca e como se articula com a política estadual, regional e nacional. A partir do contato com diversos municípios da região do Alto Oeste Potiguar e do Seridó ensaia essa aproximação à política de base local e ao contributo de seus atores locais. Simultaneamente, coletamos testemunhos com histórias de vida e imagens a partir da seca, identificando medidas adotadas pelas populações que não foram contempladas pelas políticas públicas, apesar dos bons resultados num quadro de diversificação das políticas de enfrentamento da seca.

Neste artigo percorremos algumas das principais dimensões sociais da seca, dando ênfase ao retirante e às representações da seca na mídia potiguar a partir dos registros coletados no Diário de Natal sobre o período da seca de 1958. A pesquisa não termina aqui, outras secas se registraram durante o século XX e com elementos que facilitam a reconstrução histórica do fenômeno, mas também das políticas e dos impactos, para o qual se faz importante recorrer igualmente a outras fontes de informação.

## 8. Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. A invenção do Nordeste e outras artes. 5.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

ALENCAR, E. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. TEORIA & PESQUISA. VOL. XVI - nº 02. Pp. 95-110. 2007.

CAMPOS, J. N. B. "Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos." Estudos Avançados 28.82: 65-88. 2014.

CASTRO, J. Geografia da fome. O dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1984, 10ª edição revista.

Diário de Natal (1958). Vários números. Hemeroteca Digital Brasileira. Acesso a 3 de dezembro de 2018 em <http://memoria.bn.br/>.

FERREIRA, J. G.; FIGUEIREDO, F. F. Seca, memória e políticas públicas na região Nordeste do Brasil. Anais do XXXI Congresso ALAS Uruguai. 3 a 8 de dezembro. 2017. Acesso a 4 de dezembro de 2018 em [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33262/1/4294\\_jose\\_gomes\\_ferreira.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33262/1/4294_jose_gomes_ferreira.pdf)

FREYRE, Gilberto. Nordeste: A Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste no Brasil, Rio de Janeiro: José Olímpio. 1937.

FURTADO, Celso. O Nordeste: reflexões sobre uma política alternativa de desenvolvimento. Revista de Economia Política. 1984, vol. 4, nº3. 23.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo, Vértice. 1990.

JACOBI, P. R. Desafios à Governança e Participação Popular no Brasil. In: Ribeiro, Wagner Costa. (Org.). Governança da ordem internacional e inclusão social. São Paulo: Annablume, v. , p. 69-88. 2012.

KHAN, Ahmad Saeed et al. Efeito da seca sobre a produção, a renda e o emprego agrícola na microrregião geográfica de Brejo Santo e no estado do Ceará. Revista Econômica do Nordeste, 2005, vol. 36, n. 2, p. 242-262.

MARENGO, J. A.; TORRES, R. R. & ALVES, L. M. (2016). Drought in Northeast Brazilpast, present, and future. Theoretical and Applied Climatology, 1-12.

MENEZES, D. O outro Nordeste : ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da "civilização do couro" e suas implicações históricas nos problemas gerais. Rio de Janeiro. Editora Artenova, 1970. 2ª edição

NEVES, F. C. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. Revista Brasileira de História. 21.40: 107-129. 2001.

OCDE. Governança dos Recursos Hídricos no Brasil, OECD. Paris. 2015.

SANTOS, R. J. O engenho, a cidade e a seca: notas sobre a produção simbólica do Nordeste. Guavira Letras. Nº 17: 124-162. 2015.